

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO (PPGPE)**

**A LITERATURA INFANTIL NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DE 1º E 2º ANOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE GETÚLIO VARGAS/RS**

**MESTRANDA: ALINE PELISSARI KRAVOS
ORIENTADORA: MARILANE MARIA PAIM WOLFF**

**ERECHIM
2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO (PPGPE)**

PRODUTO DE PESQUISA

EXPEDIENTE

Diretor da UFFS Campus Erechim-RS

Luís Fernando Santos Corrêa da Silva

Coordenador(a) Acadêmica da UFFS Campus Erechim-RS

Cherlei Marcia Coan

Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE)

Almir Paulo dos Santos

Professor(a) Orientador(a) da Pesquisa

Marilane Maria Wollf Paim

Pesquisador(a) Principal

Aline Pelissari Kravos

Apoio para pesquisa: Não se aplica.

CIP – Catalogação na Publicação

K911

Kravos, Aline Pelissari

A literatura infantil na alfabetização de crianças de 1º e 2º anos do ensino fundamental do município de Getúlio Vargas/RS [livro eletrônico]/ Aline Pelissari Kravos, Marilane Maria Wolff Paim / – Erechim, RS: Ed. dos autores, 2024.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-985537-1-5

1. Educação. 2. Literatura Infantil. 3. Ensino Fundamental. I. Paim, Marilane Maria Wolff. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título. CDD: 370

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
DESENVOLVIMENTO	7
1. A PROPOSTA DO PRODUTO EDUCACIONAL	6
1.1 PRINCÍPIOS NORTEADORES EMERGENTES DA PESQUISA	8
Princípio 1. A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES - A ESCOLA COMO LÓCUS DA FORMAÇÃO	9
Princípio 2. A LITERATURA INFANTIL NA ALFABETIZAÇÃO	10
Princípio 3. PLANEJAMENTO INTEGRADO, IMPORTANTE MOVIMENTO PARA A ARTICULAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA ALFABETIZAÇÃO	12
Princípio 4. ACERVO LITERÁRIO DE QUALIDADE E FÁCIL ACESSO A TODAS AS PROFESSORAS DAS DIFERENTES ESCOLAS COM DIVERSIDADE DE GÊNEROS	13
Princípio 5. A LITERATURA INFANTIL PRESENTE DIARIAMENTE NAS TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO COMO PRÁTICAS COTIDIANAS	14
Princípio 6. RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO COMO MEDIADOR E NÃO DETENTOR DO CONHECIMENTO, APRENDIZADO MÚTUO	15
1.2 FINDANDO UMA REFLEXÃO INCOMPLETA	16
REFERÊNCIAS	17

APRESENTAÇÃO

A alfabetização é um fenômeno de extrema importância no processo existencial da humanidade, visto que a leitura e a escrita compõem todos os elementos que formam nosso cotidiano. Muito antes da existência das letras, as gerações antepassadas comunicavam-se por desenhos e símbolos, sendo essa uma forma de leitura e escrita de si mesmas e do mundo. Se tratando da literatura, podemos entender que a mesma, na atualidade, exerce um papel tão significativo quanto a alfabetização. E quando falamos de crianças, podemos observar que a literatura já é inserida em sua realidade desde muito pequenas.

Buscando compreender como a literatura infantil pode fazer parte da alfabetização das crianças (já que estou inserida nesse processo), propus a realização desta Dissertação de Mestrado Profissional em Educação (MPE). A mesma tem como foco a literatura infantil na alfabetização de crianças de 1º e 2º anos dos Anos Iniciais, sendo estas crianças de turmas da rede municipal de ensino da cidade de Getúlio Vargas / RS, e por meio deste estudo, surgiu o problema de pesquisa: como as professoras¹ da rede municipal de ensino da cidade de Getúlio Vargas / RS, atuantes nos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, incluem a literatura infantil em sala de aula?

Sob essa problemática que instiga a busca por conhecimento, propus o objetivo da pesquisa: compreender como as professoras dos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, da rede municipal de Getúlio Vargas, utilizam a literatura infantil em sala de aula. Com o problema e o objetivo da pesquisa formados, foi desenvolvida a partir de diferentes estratégias e metodologias para que, ao finalizá-la, além de alcançar o objetivo proposto, e ainda gerar novas problematizações e, posteriormente, novas reflexões acerca desse processo de formação da pesquisa e das práticas. O mesmo vale para as professoras alfabetizadoras da rede municipal de Getúlio Vargas.

A pesquisa na pós-graduação auxilia no crescimento de material de qualidade no meio científico. Quando se fala da pesquisa científica na área da educação, aborda-se, principalmente, a pesquisa com sujeitos (educadores, crianças, jovens, estudantes, adultos), nos mais diferentes espaços da educação, sejam eles formais ou informais, o que garante um grande repertório de novas pesquisas, expandindo gradativamente os estudos científicos na área.

¹ Utilizei a palavra professoras/professoras ao longo do texto para me referir a todos os profissionais participantes da pesquisa, visto que a predominância dos profissionais atuantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental são mulheres. Os nomes das escolas foram modificados para nomes fantasias (de filmes de história e fantasia da nova geração das princesas da Disney). Essa escolha surgiu pelo fato de a porcentagem de mulheres na docência ser extremamente superior em relação a porcentagem de homens (96,4% na Educação Infantil; 88,1% nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; 66,8% nos Anos Finais do Ensino Fundamental; e 57,8% no Ensino Médio). Dados disponíveis em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/mulheres-predominam-em-estudos-pesquisas-e-exames-educacionais#:~:text=Em%20todas%20as%20etapas%20de,8%25%20no%20ensino%20m%C3%A9dio> .

Tendo em vista tamanha importância da pesquisa científica, o Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)/Campus Erechim, tem o compromisso com “a formação inicial e continuada de professores(as)” (Sartori; Pereira, 2019, p. 17), e com a democratização do acesso aos programas de pós-graduação por professores atuantes da rede básica de ensino, inteiramente ligados aos espaços não escolares, harmonizando o espaço com a formação e a pesquisa científica, integrando os conhecimentos teóricos e a prática (Sartori; Pereira, 2019). Visando a isto, a pesquisa aqui desenvolvida se integra totalmente ao MPE, estando em consonância com a pesquisa científica de qualidade e a formação de profissionais mais qualificados, trazendo a teoria da temática e posteriormente, levando-a à prática na educação básica. O MPE permite contribuir com um produto, e que este de fato possa agregar aos espaços escolares formais e não formais, a partir do produto. Por isso, é importante salientarmos a importância de ambas as linhas de pesquisa, as quais buscam ofertar às diferentes áreas da educação propostas que ajudem os profissionais e instituições, em seu dia a dia, a lidarem com as suas fragilidades.

Na tentativa de contribuir para os espaços educacionais formais a partir desta pesquisa, mais especificamente em espaços de alfabetização, a Dissertação contou com uma metodologia que amparou na qualidade do mesmo. É importante destacar que a natureza da pesquisa se tornou de abordagem qualitativa e de caráter exploratório, com natureza aplicada. Os procedimentos para a realização compuseram a pesquisa bibliográfica, incluindo o Estado do Conhecimento, que agregou ao que já foi publicado em relação ao tema de pesquisa. Para a obtenção de dados, foi realizada uma roda de conversa com as professoras alfabetizadoras de 1º e 2º anos do Anos Iniciais da rede municipal de Getúlio Vargas, a qual foi gravada perante a autorização de todas as participantes. O diário de campo da pesquisadora mostrou-se fundamental para anotações de situações que ocorreram durante a roda de conversa, como: expressões, sentimentos e olhares, o que se caracterizou, também, como dados. Por fim, os dados obtidos foram analisados a partir da análise textual discursiva, tornando possível um diálogo com os objetivos descritos anteriormente.

O produto educacional aqui proposto, foi construído em forma de um documento orientador com princípios norteadores, princípios estes, que surgiram das reflexões, demandas, anseios e necessidades expostas nas falas das professoras alfabetizadoras do Município de Getúlio Vargas / RS, durante a roda de conversa realizada para a coleta de dados. No total foram localizados seis princípios diante das falas, e posteriormente entregues à secretaria de Educação do Município de Getúlio Vargas / RS, no intuito de auxiliá-los na organização de possíveis futuras formações continuadas para as professoras alfabetizadoras. A outra finalidade desses princípios é instigar as participantes a buscar estudos e pesquisas a partir de suas demandas, e o sistema a pensar em relação ao que as professoras relataram.

DESENVOLVIMENTO

1. A PROPOSTA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Quando falamos de Programas de Pós-Graduação Profissional, é preciso compreender que este proporciona, além da pesquisa científica propriamente dita, a criação de um produto educacional, o qual, a partir da pesquisa realizada, tem o intuito de desenvolver e realizar a devolutiva de algo para a comunidade pesquisada envolvida. No estudo que aqui foi desenvolvido, os sujeitos da pesquisa são as professoras alfabetizadoras e incluímos a Secretaria Municipal de Educação do município. Com isso, o Produto Educacional foi a construção de um documento orientador com princípios norteadores, o qual será entregue posteriormente à Secretaria Municipal de Educação de Getúlio Vargas, como sugestões de formações continuadas diante da temática da literatura infantil na alfabetização. É possível ainda, por meio do produto, a reflexão acerca de situações do cotidiano em relação à escola como um todo.

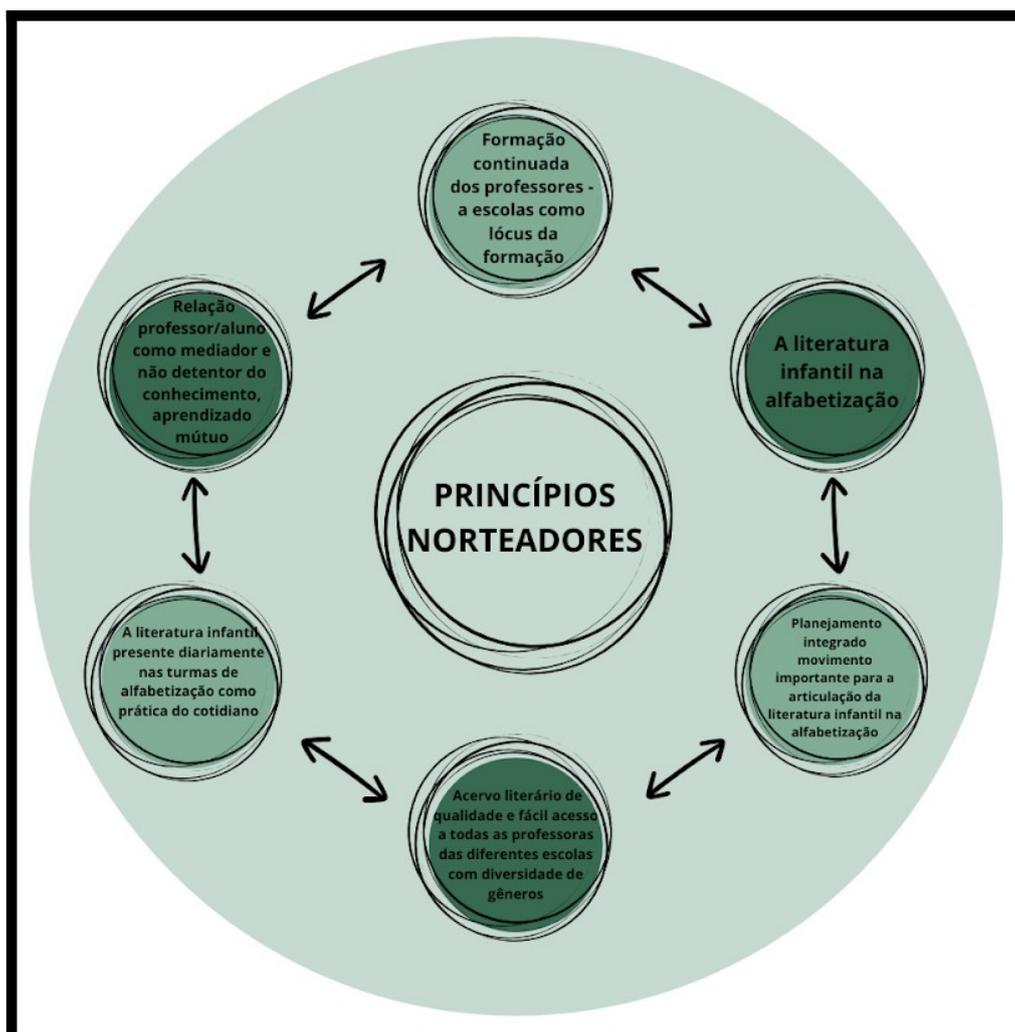
Os autores Sartori e Pereira (2019), descrevem o produto educacional não como uma exigência burocrática, mas sim como um possível resultado de algo que é inacabado, sendo a construção do conhecimento científico em relação direta com as demandas sociais. A partir da realização da roda de conversa com as professoras alfabetizadoras do município de Getúlio Vargas, observamos vários pontos relevantes que emergiram em diferentes momentos do diálogo. Tais pontos foram a base para a construção de seis princípios norteadores a serem percorridos. Os princípios norteadores buscam refletir e discutir brevemente sobre os temas emergentes e as demandas que as professoras demonstraram ao longo da conversa, na tentativa de auxiliar o sistema de ensino, no processo de alfabetização das crianças.

É importante ressaltarmos que em nenhum momento buscamos aqui criticar o trabalho docente das professoras alfabetizadoras ou ensiná-las a como trabalhar. Também não temos a intenção de criticar o sistema, mas mostrar diferentes possibilidades de aprimoramento do trabalho docente, bem como integrar a literatura infantil nas turmas de alfabetização e auxiliar na organização de futuras formações continuadas a partir de anseios, necessidades e falas que a professoras participantes da roda de conversa levantaram ao longo das reflexões a respeito da literatura infantil em suas turmas de alfabetização.

1.1 PRINCÍPIOS NORTEADORES EMERGENTES DA PESQUISA

Baseando-nos nas fundamentação teóricas e nos diálogos estabelecidos entre as professoras, sujeitos da pesquisa, procuramos estabelecer alguns princípios norteadores do processo, não como a única perspectiva, mas como mais possibilidades de trabalhar com a literatura infantil na alfabetização de crianças de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental do município de Getúlio Vargas/RS. Todos os princípios têm ligação entre si, possibilitando a reflexão em situações do cotidiano em relação à escola como um todo. Vamos a eles!

Imagem 5: Princípios norteadores



Fonte: a autora (2024).

Princípio 1. A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES - A ESCOLA COMO LÓCUS DA FORMAÇÃO

A formação de professores é uma temática bastante discutida quando se fala de educação. A formação inicial dos professores se dá muitas vezes no Curso do Magistério em Nível Médio, mas

principalmente nos cursos de Pedagogia, nas instituições de Ensino Superior de todo país, sendo algumas presenciais e outras a distância. A formação inicial de qualidade destinada à formação de um professor é importante na construção do sujeito e da identidade do ser docente. É relevante compreendermos que mesmo após anos de academia o professor ainda não saberá tudo, o processo após a sua formação é inesgotável, ininterrupto e inacabado. Portanto, reafirmamos que o professor, nunca, independente da sua área, estará preparado para toda e qualquer situação. Estaremos sempre em constante formação para o ato de ser professor, e a formação continuada nos dá viabilidade para intervir em nossa própria prática cotidiana em sala de aula e avaliá-la de maneira correta, conforme as demandas emergentes, em busca da reflexão constante. Veiga e Silva (2012) declaram que o professor, sobretudo, é um permanente estudante, um leitor atento e um pesquisador inquieto, que busca, investiga e não se contenta com o simples. A formação continuada precisa ser pensada e planejada para se tornar efetiva no cotidiano.

A formação continuada deve professores deve, principalmente, focar nas necessidades do professor diante das crianças em processo de alfabetização que ali estão frequentando. Conhecer e discutir as diferentes realidades é ponderoso, porém, a formação em lócus com a escola apresenta-se indispensável e necessária. Nóvoa (2002) salienta que a escola é importantíssima no processo de formação docente, sendo entendida como um ambiente educativo no qual o trabalho e a formação docente sejam atividades que se completam. Dessa forma, a formação continuada do professor pode ser vista como um processo permanente no ambiente escolar, principalmente integrado com o cotidiano, não apenas como obrigação por estar no Projeto Político - Pedagógico, por exemplo.

A formação continuada precisa ser realizada principalmente no ambiente da escola, buscando refletir sobre as fragilidades daquele local e daqueles sujeitos. Pinheiro (2019, p.13) descreve que “A formação continuada somente será efetiva se possibilitar mudanças na essência do/a ser professor/a e na própria escola”. A autora ainda salienta que a formação continuada em lócus, a partir de situações reais encontradas no cotidiano e por meio da compreensão desse processo de reflexão acerca da práxis, permite ao professor construir sua identidade como um ser reflexivo e pesquisador no seu próprio espaço de trabalho (Pinheiro, 2019).

Visto que a participação em seminários, encontros, grupos de estudo são de relevância na formação do professor, se debruçar diante da sua realidade é o que pode mais adequadamente amparar o mesmo para que possa efetivamente intervir no seu cotidiano. Problematicar a própria realidade e a sua prática, buscar, pesquisar e estudar são ações que fazem parte da formação continuada do professor. André (2016) salienta que por diversas vezes falamos sobre a formação de professores diante do processo, mas esquecemos a quem ela é destinada e porque ela existe. É preciso, como ponto principal, que os professores estejam de fato preparados para proporcionar

condições de aprendizagem adequadas para que o aluno possa realmente se apropriar da cultura e dos conhecimentos necessários, ser crítico e criativo em relação a realidade que o circula.

Portanto, a partir da roda de conversa realizada com as professoras alfabetizadoras, o município tem, conforme o relato das mesmas, um grupo de estudos com encontros mensais que contempla a alfabetização, para a discussão e reflexão, troca de experiências e estudo focado, do qual todas as professoras de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental participam. As participantes acreditam que esses encontros são pertinentes à continuidade e à relevância no seu cotidiano. Porém, percebemos a partir das suas falas, que cada escola apresenta a sua demanda individual e uma realidade própria, nesses encontros a alfabetização é tratada de maneira geral, por isso, é primordial a formação continuada em lócus com o ambiente da escola.

Princípio 2. A LITERATURA INFANTIL NA ALFABETIZAÇÃO

A literatura infantil surge nos mais diferentes contextos quando falamos de educação. A palavra ‘literatura’ vem da escrita latina *littera*, que significa letra, um sinal gráfico que representa, por escrito, os sons da linguagem. Assim, a literatura está estreitamente ligada à noção de língua escrita (UFSM, s.a. p. 12). A literatura infantil, muitas vezes, é pensada somente como os livros de histórias infantis utilizados em sala de aula em momentos mais padronizados, como para as crianças que já encerraram alguma atividade, como momento de descanso, ou na realização de exercícios com fichas de leituras ou de perguntas e respostas, sendo algo engessado.

Levar a literatura infantil para as salas de aulas de alfabetização abre um leque de possibilidades valioso para o professor alfabetizador. Na tentativa de explicar como a literatura pode ser destinada às crianças e como é fundamentalmente importante na formação cognitiva, o autor Coelho (2002, p. 15) ressalta que, em especial a literatura infantil, tem uma “tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola”.

Com a amplitude da literatura infantil no Brasil nos últimos anos, o país vem produzindo esse tipo de obra em maior quantidade e avançando na qualidade da mesma para as diferentes idades, desde crianças bem pequenas. A criança em contato com a literatura infantil tem acesso a um mundo de diversidade, de herança cultural étnica, além de a possibilidade de ser crítica diante do que leu ou escutou. No entanto, as atividades de fichas de leitura, perguntas e respostas e suplementos similares são solicitados às crianças para garantir que estas realmente leiam, o que faz com que a literatura seja vista como obrigação, impedindo a continuidade de apropriação da criança. Lajolo (1994) explica que, talvez, ainda não se reflita o suficiente sobre alguns traços da pedagogia moderna e modelos de escola se referiram ao trabalho com a literatura por meio de

atividades, palavras cruzadas, diferentes identificações de personagens, o que é pouco perto do contato profundo que o texto literário pede.

A criança em contato frequente com a literatura infantil consegue criar hipóteses e as próprias teorias a partir do que ouviu ou leu. É visto o uso da literatura infantil quando utilizada de maneira a impedir que as crianças reflitam, restringindo-as de se apropriarem do que leem. A apropriação da criança em relação à literatura infantil com que têm contato ao longo da sua vida, principalmente na fase da sua alfabetização, auxilia a criança a ler o mundo no qual está inserida com diferentes olhos, levando-a a criar suas próprias atribuições em relação a ele.

Quando o professor planeja o trabalho com a literatura infantil destinado às crianças, o mesmo pode ser organizado de duas maneiras: “estudos programados (sala de aula, biblioteca para pesquisa, etc.) e o de atividades livres (sala de leitura, recanto de invenções, oficina da palavra, laboratório de criatividade, espaço de experimentação, etc.)” (Coelho, 2000, p. 17), mas é necessário que se faça a reflexão sobre estes dois momentos. Mesmo que um destes seja pensado para uma exploração e manuseio livre das crianças com relação à literatura infantil, precisa ser um momento planejado com intencionalidade.

A apresentação dos gêneros textuais literários desempenha um importantíssimo papel na alfabetização das crianças no ensino fundamental. Da mesma maneira que a literatura precisa estar presente desde muito cedo na vida das crianças, não se pode deter apenas aos livros de histórias. Nosso país, tão grande com culturas ricas, crianças de tantos espaços diferentes em um mesmo espaço, explorar os poemas, os contos, parlendas, cordel,.. não tem porquê nos determos apenas ao livro literário, mas, é importante valoriza-lo como objeto, pois o livro é objeto que dá a literatura ao mundo. Cademartori (2010) destaca que o texto poético, por exemplo, é um gênero que em fase de alfabetização é uma fonte de conhecimento e prazer para as crianças, que vai além do contato com o livro, auxilia na formação da expressão verbal a partir de um texto criativo. Já por meio do conto de histórias infantis, principalmente na primeira infância, em que existe uma estreita ligação entre percepção e afeto, a criança passa a conhecer e aprender a explorar o mundo.

É necessário afirmar que o trabalho com a literatura infantil é um ato complexo e, por isso, surge a necessidade de ser explorado adequadamente no ambiente escolar. Por meio da literatura é possível que as crianças explorem “outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...” (Abramovich, 1997, p. 17); é possível trabalhar todas as matérias [...], sem dizer que se está trabalhando tudo isso. Ademais, a literatura infantil não precisa estar presente apenas nos dias em que a Língua portuguesa é trabalhado; a interdisciplinaridade é fundamental.

Portanto, a literatura infantil tem um importante papel no desenvolvimento da criança e pode-se dizer que o professor tem o dever, primeiramente, de ser comprometido com uma educação transformadora em relação às crianças e apropriar-se disto, usufruindo da literatura infantil para que

isso ocorra. Cabe a ele, também, garantir às crianças com que está tendo o contato efetivo, a construção do processo da leitura e escrita, da percepção de mundo, do real e das novas criações. Isso ocorre principalmente no ambiente escolar, para ser algo prazeroso e que garanta à criança a criação de suas próprias hipóteses e reflexões a fim de construir o seu processo de alfabetização.

Princípio 3. PLANEJAMENTO INTEGRADO, IMPORTANTE MOVIMENTO PARA A ARTICULAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA ALFABETIZAÇÃO

Um dos temas emergentes da roda de conversa foi o planejar e o momento exclusivo de planejamento. O planejamento do tempo, das propostas, e principalmente diante das demandas que as crianças apresentam no cotidiano são fundamentais ao ser docente. Farias et. al. (2011, p. 107), declaram que o planejamento é “prática educativa, como intencional e sistemática, precisa ser organizada previamente, o que se concretiza por meio do planejamento das ações didáticas e pedagógicas da escola”.

Visto que as professoras participantes da roda de conversa integram a literatura em seu planejamento e utilizam esse tempo para organizarem materiais e propostas para que sejam colocadas em prática posteriormente, cabe refletirmos sobre o planejamento. É preciso pensar a literatura infantil integrada às propostas, sobre a flexibilidade do que já foi ou está sendo planejado e que, além de realizar o planejamento, o professor precisa cumprir outras demandas como preencher sistema. O planejar é um desafio que o professor projeta, organiza e sistematiza, afinal, “o planejamento é ato” (Farias et. al. 2011, p. 111) e isso está ligado diretamente aos fins, meios, formas e conteúdos. O planejamento é uma ação reflexiva, viva e contínua, busca prever ações, condições, tempo, meios e alternativas de fugir da mesmice e dos imprevistos, dando coerência, continuidade e sentido ao trabalho docente (Farias et. al. 2011).

Quando o professor compreende o papel do planejamento em sua prática docente, o mesmo torna-se mais eficaz, competente e comprometido com a educação. A literatura infantil, no planejamento das professoras, é vista como um vasto campo a ser explorado, não apenas no português. Por essa razão, um planejamento flexível é necessário, pois não é uma técnica ou um método de ensino de conteúdos, é um mediador, um auxílio no processo de aprendizagem em sala de aula. O planejar do professor, para ser efetivo, exige um tempo de qualidade para que isso ocorra; como vimos, não basta simplesmente jogar no papel, pois o papel aceita tudo, mas o mesmo não ocorre em salas de aula.

Sabemos que os professores não vivem o cenário ideal, com tempo e espaço de qualidade de planejamento, com $\frac{1}{3}$ da carga horária, como a lei define, destinada para isso e com materiais e subsídios razoáveis para que esse momento seja realizado de forma adequada. No cotidiano real

encontramos escolas com estrutura e material sucateado, espaço inadequado ou inexistente para o professor produzir e estudar, além da falta do direito ao $\frac{1}{3}$ da carga horária destinada ao planejamento ou a insistência de quaisquer horários destinados a isto. As Políticas Públicas estão no papel, mas na realidade das escolas, pouco são cumpridas.

O investimento no planejamento do professor é necessário para que gere o fazer docente efetivo e eficaz, porém vivemos e vemos que em muitas instituições de ensino não são valorizados os momentos de planejamento de qualidade, de continuidade e reflexão. O planejamento, segundo Vasconcellos (2019, p. 13) “é uma forma de combate à alienação do trabalho”. Sabemos que muitos professores aproveitam o planejamento para estudo, pesquisa, leituras, criar e recriar o seu planejamento, assim como tem o outro lado da história: existem os que acham desnecessária a realização do planejamento, talvez porque tenham anos de experiência e acreditam “ter tudo na cabeça”, ou porque acham um tempo perdido e utilizam este momento para afazeres paralelos. Essa é uma reflexão plausível e necessária, ambos contextos precisam ser observados atentamente, pois a valorização é necessária.

O planejamento é um instrumento que pode ajudar os professores a realizarem um trabalho de melhor qualidade. Organizado, porém não engessado. Vamos nos constituindo pessoas através de nossas atividades, buscando o novo e nos transformando, tanto individualmente como coletivamente. A educação é algo muito complexo para ser realizada de improviso ou mecanicamente pelo professor, a criança precisa que este realize um planejamento adequado (Vasconcellos, 2019).

Finalizando, podemos afirmar que o planejamento são ideias pensadas para o futuro e não podem mudar a realidade, por isso a necessidade da flexibilidade. Muitas vezes os professores veem o planejamento como uma caixinha, que não permite a liberdade de colocar em prática a sua criatividade. É preciso que as professoras busquem, a partir da sua prática, aprimorar-se e planejar conforme as demandas e interesse das crianças, ainda o realizar com mais flexibilidade, como um apoio ao seu trabalho e não como barreira a ele, tendo a práxis sempre em desenvolvimento, ainda mais quando se trata de crianças em processo de alfabetização, em que as crianças estão em diferentes níveis e precisam de um olhar bastante sensível.

Princípio 4. ACERVO LITERÁRIO DE QUALIDADE E FÁCIL ACESSO A TODAS AS PROFESSORAS DAS DIFERENTES ESCOLAS COM DIVERSIDADE DE GÊNEROS

Ao organizar o planejamento do cotidiano utilizando a literatura infantil em turmas de alfabetização, para que se torne efetivo, é necessário que os professores tenham à sua disposição recursos adequados para isso. Sendo assim, o professor precisa de um acervo de qualidade e de fácil

acesso diariamente, as crianças também devem ter fácil acesso aos recursos literários. Sabemos que as crianças, ao manusear esse acervo, podem extraviar as obras ou pode haver perdas e danos, porém é preciso saber que para aprender a cuidar desses materiais eles precisam utilizá-los no dia a dia.

Ter um acervo adequado na escola é fundamental, atualmente temos uma diversidade de autores de literatura infantil que se dedicam exclusivamente à escrita de qualidade às crianças. A favor disso, existem muitos programas de aquisição desses materiais, como o Programa Nacional do Livro Didático, do governo federal, por exemplo; para as instituições privadas, faz-se necessária uma atenção especial para que seja possível as aquisições pelas escolas. Além disso, é preciso ter atenção redobrada em relação a quais livros serão adquiridos e disponibilizados para as crianças, tudo precisa ser cuidadosamente pensado.

A diversidade de gêneros também é relevante, como os poemas, as fábulas, os livros-imagem, os cordéis, mas precisam ser acessíveis para que os professores possam leva-los até as crianças, ou as crianças possam ir até o espaço da biblioteca. De pouco é válido ter um belo acervo na escola quando os professores têm limitações para usufruírem disso, ou terem negações em relação a retirada de livros nas bibliotecas da escola, o que os obriga a buscarem, com recursos próprios, a aquisição de obras para utilizarem em sala de aula.

Sendo assim, cabe o questionamento do porquê os professores ainda vivem tantos empecilhos para desenvolverem a sua docência; por que precisa de tanta burocracia para retirar um simples livro do acervo da biblioteca para leva-lo à sala, desvalorizando o seu planejamento? Questionamentos que precisam ser debatidos e refletidos em relação à acessibilidade que os professores e os alunos têm ao acervo existente na biblioteca da escola.

Princípio 5. A LITERATURA INFANTIL PRESENTE DIARIAMENTE NAS TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO COMO PRÁTICAS COTIDIANAS

O processo de alfabetização gera grandes debates entre professores e pesquisadores da área da educação/alfabetização, é um tema cujas reflexões nunca se esgotam e a cada debate, novas perguntas surgem, novas angústias, novas maneiras e pontos de vista. E a literatura infantil, nos seus diferentes gêneros, pode estar incluída diariamente nas turmas de alfabetização, de múltiplas formas e contextos. No entanto, para que isso possa se concretizar, é muito importante que as professoras incluam a literatura em seu planejamento.

Quando falamos de alfabetização ligada diretamente à literatura infantil, é preciso pensar que ela vem na mesma direção da alfabetização. Sendo assim, é necessário largar a ideia de utilizar a literatura apenas como testes, preenchimento de perguntas que não fazer as crianças pensarem.

“[...] A criança afasta-se de qualquer leitura, mas sobretudo dos livros, seja por ter sido alfabetizada de maneira insatisfatória, seja por rever na literatura experiências didáticas que deseja esquecer” (Zilberman, 1982, p. 17). Isso, de algum modo, leva-nos a pensar como as crianças apreciam os livros antes de estarem alfabetizadas, mas a maioria deixa de lado a literatura por esta ser utilizada de maneira maçante e não de forma prazerosa.

A alfabetização, enquanto etapa importantíssima da escolaridade, em que os sujeitos frequentantes se apropriam mais especificamente da aprendizagem da leitura e da escrita, passa a ser foco de preocupação por parte dos educadores e de outros setores da sociedade. Contrapondo a essa apropriação, vemos que nesse período de alfabetização, segundo professores e sociedade, a criança precisa aprender a ler e escrever igualmente e em determinado tempo pré-estabelecido para isto. Portanto, há dois pontos de vista distintos sobre essa fase de alfabetização: ao mesmo tempo que é necessário permitir que a criança alcance o objetivo, que é estar alfabetizada conforme seu desenvolvimento e apropriação, existe a pressão externa sobre o dever de estar alfabetizada completamente, lendo e escrevendo fluentemente em um curto período de tempo.

A literatura infantil para com as crianças, proporciona um grande leque de diferentes possibilidades, culturas, questionamentos e visão de mundo. Spengler (2017) descreve que literatura é arte e representa o mundo e a cultura por palavras e imagens. Proporciona o envolvimento das crianças com a língua e a linguagem de formas complexas, e ainda possibilita ao leitor a interação com a cultura e com jogos de linguagem que envolvem multiplicidades da comunicação verbal ou visual. Portanto, a literatura infantil permite que a criança e o professor explorem novos mundos e maneiras de aprender conteúdos, criem opiniões e hipóteses e sejam críticos e reflexivos diante de diferentes temas da sociedade; se torna uma forte aliada para o professor no processo de alfabetização das crianças.

Princípio 6. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO COMO MEDIADOR E NÃO DETENTOR DO CONHECIMENTO, APRENDIZADO MÚTUO

O processo de alfabetização das crianças do Ensino Fundamental corresponde à apropriação da leitura e escrita, processo este que é iniciado desde quando a criança nasce, com toda a bagagem cultural adquirida ao longo da vida, o que o torna fundamental na alfabetização. O professor, enquanto mediador da alfabetização, tem a responsabilidade de saber trabalhar com as diferenças que as crianças trazem para a sala de aula, favorecendo-as positivamente.

Na alfabetização as crianças são as protagonistas da sua aprendizagem, o professor precisa confiar nas mesmas, em suas potencialidades e em seus saberes, pois apresenta-se como um mediador no processo. Refletindo sobre os dizeres de Cagliari (1998), o professor é um mediador

entre o aluno e os saberes, ser um mediador é ajudar a criança a construir seu próprio conhecimento, passando apenas as informações adequadas e necessárias e explicando somente o que é necessário ser explicado, sem dar respostas que ela mesma pode achar e/ou reconstruir. Dessa maneira, por meio da mediação do professor e não da intervenção, o processo é levado pelo aluno.

A valorização da criança diante do processo de alfabetização é essencial para ele (processo) se concretize de maneira saudável e tranquila. O professor, em uma visão geral, cumpre um papel complexo, é um formador de opiniões, é um profissional que busca propagar e produzir conhecimentos, e assim, contribuir com o desenvolvimento humano. Seu papel torna-se fundamental à sociedade, tornando-a mais crítica, autônoma e reflexiva. No entanto, perante à sociedade, a formação de professores surge como algo recorrente na área da educação, um campo de pesquisa que ainda tem imensas fragilidades, que necessita de pesquisa e reflexão diante das próprias práticas.

Diante disso, Freire (1967) discorre sobre o diálogo que o professor precisa ter com o educando, principalmente utilizando situações concretas, pois o professor se apresenta como um mediador neste processo, como um colaborador para o educando em sua alfabetização. O professor tem o papel de mediador entre a literatura infantil e o processo de alfabetização das crianças, ele precisa confiar no aluno que acompanha diariamente em sala de aula. Portanto, o professor não está ali para ensinar tudo, pois a criança chega aos anos iniciais com um grande bagagem de apropriação cultural acerca do mundo letrado.

1.2. FINDANDO UMA REFLEXÃO INCOMPLETA

Os princípios norteadores emergiram a partir das falas e relatos das professoras alfabetizadoras atuantes no 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, com a construção destes, propomos novos meios para aprimorar o processo de alfabetização, usufruindo da literatura infantil como aliada. Os anseios e demandas emergentes demonstram pontos importantes que ainda necessitam de aprimoramento e avanço nas escolas, visto que, por vezes, são esquecidos no cotidiano dessas instituições.

Observamos claramente que as professoras alfabetizadoras têm comprometimento com os educandos que acompanham diariamente, estão sempre em busca do aperfeiçoamento do trabalho, ouvindo as crianças de forma sensível quanto às necessidades. Com este documento, buscamos auxiliar, de alguma maneira, com sugestões de futuras formações continuadas que possam abordar a literatura infantil no processo de alfabetização, além de considerá-la em situações cotidianas em relação a escola como um todo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipicene, 1997.
- ANDRÉ, Marli (Org.). **Práticas Inovadoras na formação de professores**. Campinas/SP: Papyrus, 2016.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização sem o ba, bé, bi, bó, bu**. São Paulo: Scipione, 1998.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- FARIAS, I. M. S. et. al. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. In: FARIAS, I. M. S. **O planejamento da prática docente**. Fortaleza: Liber livro, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Educação como à prática da liberdade**. Paz e terra: Rio de Janeiro, 1967.
- LAJOLO, Marisa. Texto não é “pretexto”. In: JOBIM, José Luis. **A literatura no Ensino Médio: um modo de ver e usar**. Porto Alegre: Mercados Abertos, 1982.
- NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa 2002.
- PINHEIRO, Ana Paula. **Ensino Médio - Curso Normal: Desafios e Perspectivas Do Estágio Curricular para Formação Docente**. UFFS: PPGPE, 2019 (Dissertação). Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3858/1/PINHEIRO.pdf> . Acesso em: maio 2024.
- SARTORI, J.; PEREIRA, T. I. (orgs.). A construção da pesquisa no mestrado profissional em educação. In: SARTORI, J.; PEREIRA, T. I. **A construção do conhecimento no mestrado profissional em educação**. Porto Alegre: Cirkula, 2019. 17-34.
- SPENGLER, Maria Laura Pozzobon . **Literatura infantil: a palavra e a imagem se entrelaçando na história**. LTP [on-line]. 2011, vol.29, n.56, pp.36-43.
- VEIGA, Ilma Alencastro; SILVA, Edileuza (Orgs.). **A Escola mudou, que mude a formação de professores!** 3 ed. Campinas/SP: Papyrus, 2012.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Sobre o Planejamento Escolar: Momentos Iniciais, Projeto de Ensino Aprendizagem e Trabalho por Projetos**. In: **Gestão da Sala de Aula**. São Paulo: Libertad, 2019.
- ZILBERMAN, R. (Org.). **A leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.